

# Rabino liberal do Rio busca conciliar tradição e modernidade no judaísmo

O ex-surfista Nilton Bonder defende a participação da mulher na religião

Paula Autran

• Pelo menos dez anos antes de o Padre Zeca ficar conhecido como sacerdote e surfista, o então recém-ordenado rabino Nilton Bonder já chocava parte da comunidade judaica do Rio por aparecer pegando ondas. Não era uma onda passageira. Hoje aos 43 anos e à frente da Congregação Judaica do Brasil (CJB), que ajudou a fundar em 1989 e já reúne cerca de 500 famílias afiliadas, Bonder se destaca cada vez mais por personificar a nova cara do judaísmo na cidade. Assim como o catolicismo, que ganhou novos contornos com o crescimento do Movimento Carismático; e como as igrejas evangélicas, que crescem e se multiplicam; também o grupo de seguidores da Torá aumentou e está diferente.

## Rabino corre, nada e já escreveu 13 livros

Bonder não surfa mais, mas ainda nada e corre. Já foi a programas de TV como o da Xuxa, mas não para cantar. Escreveu 13 livros, a maioria best-sellers que, apesar de títulos como "A cabala da inveja" e "A cabala do dinheiro", não se encaixam no rótulo de auto-ajuda e foram prefaciados por intelectuais como o poeta Haroldo de Campos. Bem-humorado, também fez comentários na edição de "As melhores piadas do humor judaico", de Abram Zylbersztajn. Ex-presidente do Instituto de Estudos da Religião (Iser), sempre marca presença em manifestações públicas pela paz.

— O líder religioso ainda é visto como pouco humano. As pessoas achavam esquisito eu surfar, mas fui criado no Leblon. Não era um *enfant terrible*. Durante algum tempo, tive que lutar contra esta imagem — diz Bonder que, depois de se formar engenheiro pela Universidade de Columbia, aos 21 anos, estudou seis anos no Jewish Theological Seminary de Nova York para ser ordenado.

Essa postura já fez o bem-



BONDER com a mulher, Ester, e os filhos Daniel, Alice e Ana Laura: "O líder religioso ainda é visto como pouco humano"

apessoado rabino passar por situações constrangedoras como um assédio em plena sinagoga, durante uma pré-dica:

— Foi surreal! Enquanto eu estava no púlpito, duas mulheres sentadas na primeira fila ficaram se insinuando para mim e fazendo gestos obscenos.

Casado e pai de três filhos (Daniel, de 9 anos; Alice, de 7; e Ana Laura, de um ano e meio), o rabino é bastante tradicional. Mas com outra roupagem. Em casa, por exemplo, faz questão da comida kosher. Mas nos restaurantes, não.

— Sigo as tradições, desde que elas não me segreguem. Cumprir o que determina a religião é extremamente bonito, mas é preciso ter discernimento — pondera ele, que durante o shabat não come fora nem mexe em dinheiro, mas acha que nestas ocasiões é preciso dirigir. — Antigamente era possível se locomover para todos os lugares a pé. Hoje, numa cidade grande como o Rio, porém, há que se aceitar o carro.

Na CJB — construída na Barra com a colaboração do arquiteto Hélio Pellegrino Filho, do designer Antônio Bernardo e do paisagista Burle Marx — são realizados 40 casamentos e 60 bar-mitzvah por ano. Festas maiores, como a do Ano Novo Judaico, chegam a reunir 2.500 pessoas e, por falta de espaço, são feitas em outros locais, como o hotel Sheraton. Entre os frequentadores assíduos, o ator Luciano Szafir.

## Incentivo à participação feminina provoca polêmica

Mas são eventos como o primeiro bat-mitzvah coletivo realizado na América Latina — versão feminina da iniciação religiosa dos meninos — que ajudaram a destacar a CJB entre as 13 sinagogas do Rio.

— Não fui eu que inventei isto, mas passei a ser visto como demoníaco por trazer estas coisas para cá. A questão da participação das mulheres é complicada no judaísmo, pois a religião é basicamente um dos

últimos redutos dos homens.

Por estas e por outras, o liberal Nilton Bonder enfrenta problemas com os ortodoxos. Procurado para falar sobre ele, um rabino de uma sinagoga ortodoxa da Zona Sul não apenas se recusou a dar entrevistas como sequer permitiu que seu nome fosse mencionado.

— Faltava uma arejada no judaísmo no Rio. O Nilton Bonder se tornou um ponto de referência por ser inventivo e atualizar a tradição. Através dele, muita gente voltou à sinagoga — analisa a antropóloga Regina Novaes, pesquisadora do Iser, destacando que outros rabinos liberais como ele já despontam nas sinagogas cariocas.

Entre eles está Sérgio Margulies, da Associação Religiosa Israelita (ARI), em Botafogo:

— Manter o judaísmo num mundo em movimento é uma filosofia antiga. De cinco anos para cá, porém, noto não apenas um crescimento quantitativo dos judeus praticantes, mas também qualitativo. ■

Marizilda Cruppe